

# RESENHA

BECKER, Dinizar; WITTMAN, Milton Luiz (orgs.). **Desenvolvimento regional: Abordagens interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

Lucas Labigalini Fuini<sup>1</sup>

## **Segredos e encruzilhadas do Desenvolvimento regional**

A obra "Desenvolvimento regional: Abordagens interdisciplinares" foi lançada no ano de 2003, fruto dos trabalhos de reflexão e de pesquisa realizados no Estado do Rio Grande do Sul por um grupo de professores e pesquisadores ligados ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento regional da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC e ao Grupo de pesquisa a ele vinculado, o ESCORE (Estudos Setoriais e Regionais Comparados de Diferentes Dinâmicas de Desenvolvimento Regional no Rio Grande do Sul).

Com o avançar do estudo da obra, parece necessário o exercício de tentar identificar no conjunto dela uma definição precisa do conceito de desenvolvimento regional, não apenas como repetição daquilo que já foi dito, mas como uma leitura renovada e uma proposição diferente acerca

---

<sup>1</sup> Professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Ourinhos. É pesquisador da Fapesp e CNPq. Email:lucasfuini@ourinhos.unesp.br.

desse tema e processo. Já sendo um desafio para o autor trazer uma definição única, também o será para o leitor. Para tanto, duas palavras não afeitas ao vocabulário científico auxiliam na interpretação do desenvolvimento e de suas escalas e esferas do território, dada a complexidade da tarefa.

A primeira é *segredo*, vocábulo cujos significados trazem o sentido “daquilo que há de mais difícil, que exige uma iniciação especial em arte ou ciência, um processo particular para atingir um objetivo”<sup>2</sup>. Definir desenvolvimento regional - econômico ou social – envolve escolhas de método e de teorias explicativas, os segredos essenciais que revelam o teor e a especificidade do desenvolvimento. Como conceito e categoria, de conotações amplas e abordado no mundo todo, o desenvolvimento regional traz consigo os segredos explicativos das realidades socioespaciais de países e localidades, cada qual com sua formação socioespacial e modos de regulação do processo capitalista de produção e expansão.

Os vários segredos do desenvolvimento regional designam suas variadas modalidades explicativas, algumas aparecendo como modelos generalizantes e outras que consideram as diversas realidades territoriais como combinações únicas do econômico, do político, do social e do ambiental. O livro em tela tenta, através de seus capítulos, mostrar os segredos do desenvolvimento regional e, qualquer outra obra aqui e alhures que busque condicionar o tema analisado a um único processo particular de

---

<sup>2</sup> Dicionário Michaelis.

explicação da realidade, com uma única significância e sentido, fracassará no intento de servir como referência para uma análise mais ampla e multiescalar e, em contrapartida, terá sucesso se considerar que o tema desenvolvimento regional, ou desenvolvimentos de regiões, envolve múltiplos segredos, complexidades e pluralidades imanentes à ambição própria do tema.

A outra palavra adequada à explicação que ora se busca é *encruzilhada*, tendo como significado, no *Dicionário Michaelis*, “o lugar onde dois ou mais caminhos se cruzam”. Nesse sentido, a obra analisada reconhece plenamente essa característica do desenvolvimento regional: seu ponto ou conceito que demanda o encontro de vários caminhos, interpretações e *constructos* intelectuais explicativos da realidade. Sair da encruzilhada e optar por um dos caminhos é fazer escolhas próprias da gestão e do planejamento regional e territorial, mas toda escolha envolve sacrifícios e um certo tipo de desprezo político e ideológico a outras formas explicativas da realidade. Como o conceito envolve extensão e profundidade, quanto mais o desenvolvimento se aproximar de encruzilhada, tomando várias teorias e métodos para sua definição, mais extenso será no sentido de abordar várias realidades socioterritoriais, e menos profundo, pois mais preciso aparecerá no sentido de adotar um determinado perfil explicativo e apenas apostar nele, uma opção de método. A presente obra, ao reunir vários autores em um painel interdisciplinar, vê na encruzilhada do desenvolvimento regional sua própria forma de ser e de

existir, ainda mais em um país como o Brasil que é formado e marcado por sua história de disparidades socioeconômicas e regionais.

A obra “Desenvolvimento regional: Abordagens interdisciplinares” se constitui de um conjunto de textos que versam sobre a questão do desenvolvimento regional em diferentes vertentes temáticas e horizontes teóricos, buscando responder à pergunta básica: por que as regiões apresentam um nível diferenciado de desenvolvimento, considerando seus elementos econômicos, políticos e sociais? Na busca por decifrar essa problemática os autores se debruçaram em 395 páginas, divididas em quatro eixos principais (1- Economia política da dinâmica da regionalização do desenvolvimento contemporâneo; 2 - Gestão, estratégias e espaços na dinâmica territorial do desenvolvimento regional; 3 - Democracia e capital social na dinâmica do desenvolvimento regional; 4 - Gestão, redes, instituições e *accountability* na dinâmica do desenvolvimento regional) e perfazem a análise de conceitos e teorias, remotas e modernas, que buscam dar conta dessa tarefa.

Nesse sentido, ao final da leitura compreendemos que o desenvolvimento nos âmbitos escalares regional e local envolve uma dialética, com unidades de contrários que ora cooperam e ora entram em conflito na relação de tentar harmonizar os objetivos de se expandir a renda, via redes empresariais, e promover a inclusão social, via democracia. Ao final a única certeza que tomamos da leitura é que o desenvolvimento é um processo por demais complexo e de variáveis múltiplas, e que o caso do

Rio Grande do Sul e seus Conselhos e Pactos sociais não basta para explicar as profundas disparidades entre realidades regionais no Brasil.

Logo na apresentação são colocados os objetivos gerais da obra: ampliar a discussão sobre a temática do desenvolvimento regional e contribuir para a constituição de uma sociedade econômica e socialmente desenvolvida, igualitária, humana e responsável. Aparecem daí algumas brechas para uma reflexão em torno dessas utopias e grandes projetos para a abordagem territorial. Primeiramente, podemos nos perguntar sobre quais seriam os indicadores mais apropriados para qualificar uma região e sua sociedade em termos socioeconômicos e as dificuldades para compará-los. O Produto Interno Bruto (PIB), com a variância do PIB per capita e o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) seriam suficientes? E como definir uma sociedade como humana, igualitária e responsável? Há meios e ferramentas para materializar esses conceitos e analisá-los à luz de exemplos específicos? Poderíamos pensar também que os anseios de cada sociedade regional variam conforme suas trajetórias históricas e culturais, mas, ao mesmo tempo - diante da globalização dos mercados, dos hábitos de consumos e de paradigmas tecnológicos - ocorre uma padronização de modos de produção que torna irresistível a comparação e generalização. E também, ao final, o que seria uma região senão o subespaço identificado a partir da consideração de um espaço totalidade mais amplo? Ou seja, a região é o que é porque existem outras diferentes em seu entorno.

No prefácio, escrito pelo professor Carlos Nelson dos Reis, inicia-se o percurso analítico do livro através da questão dos direitos sociais no Brasil por meio dos dispositivos constitucionais, desde o período do Império até a Constituição cidadã de 1988. A principal crítica que o autor faz é que as cartas constitucionais foram, em um crescente, dando mais espaço à preocupação com a proteção social, ao lado do desenvolvimento econômico. No entanto a aplicação desses dispositivos sempre foi nula, frágil, precária ou seletiva, não dando conta das profundas desigualdades de renda entre classes sociais e entes federativos. Entra em cena, portanto, o Estado e a política - elementos bastante evocados na obra através de citações de Antonio Gramsci, Karl Polanyi e Celso Furtado. Não podemos esquecer que o desenvolvimento do Estado-nação e sua maturidade caminharam lado a lado com o desenvolvimento do grande mercado capitalista: eis a grande transformação do mundo moderno.

Dinizar Becker, docente da Unisc e grande incentivador das experiências dos Coredes (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) no Sul, intitula a introdução como “primeiros resultados de uma pesquisa cooperativa”, contando um pouco da história das pesquisas e iniciativas para o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. Afirma que algumas regiões conseguem responder positiva e ativamente aos desafios contemporâneos em função dos arranjos cooperativos que são capazes de construir, aproveitando as oportunidades globais conforme suas potencialidades locais. Considerando que o desenvolvimento de uma nação

não pode ser exclusivamente feito no nível regional e local, mas sem esses níveis ele nunca se concretiza, nos colocamos na encruzilhada de pensar no desenvolvimento regional como um processo interescalar de ampliação de capacidades e oportunidades, dependendo do Estado e de seus níveis maiores de autoridade político-administrativa. E esse processo, ao mesmo tempo, não pode desprezar e sufocar os determinantes históricos, políticos e culturais das territorialidades municipais e regionais.

A primeira parte da obra traz quatro textos que lidam com a temática específica do desenvolvimento através de conceitos, macro e microteorias, e exemplos factuais. Becker trata da economia política do desenvolvimento regional colocando-a em situação de dicotomia: na esfera política ou se adota uma reação passiva ou uma reação ativa aos determinantes da transnacionalização dos espaços econômicos que incidem sobre os espaços sociais regionalizados e localizados. A qualidade ativa ou passiva dependerá, por seu turno, da capacidade ou não dos agentes regionais de se organizarem, superarem as contradições e integrarem os interesses socioambientais regionalizados com interesses econômico-corporativos. O segredo do desenvolvimento das regiões estaria no despertar de suas vontades e consciências coletivas.

Em outro texto, mais longo, Becker vai explorar a contradição do processo de desenvolvimento regional entre o local e o global em sentido epistemológico, ao fazer dialogar teorias variadas, como as de Keynes, Schumpeter, Thurow, Gramsci, Polanyi. O autor se refere a seis degraus

de construção teórica e três aproximações teóricas para discorrer sobre a política como espaço de mediação fundamental para o desenvolvimento. A negação da negação, em método dialético, se faz pela transformação da natureza em mercadoria e mercadoria em capital dinheiro, submetendo o trabalho humano a uma simples mercadoria. Daí que a produção capitalista seria o grande motor do desenvolvimento contemporâneo (nacional, local ou regional), e na atualidade esses contrários seriam reconhecidos pela globalização da economia e localização da sociedade, permeados pela necessidade mediadora de flexibilização e descentralização dos espaços políticos.

O pensamento de Dinizar Becker caminha por linhas tortuosas e nem sempre compatíveis, mas ao final mostra que a ambição é fundamental para quem for pensar sobre o desenvolvimento e os espaços do desenvolvimento. E nesse caminho metodológico, reconhecer que o desenvolvimento depende de organizações e blocos de poder estatais e paraestatais é fundamental, fugindo do economicismo simplista que marcou durante tempos a abordagem de desenvolvimento como etapas prescritas ou ciclos previamente definidos de acumulação e crise.

O terceiro artigo, de Heron Begnis e Jerusa Zerbielli, retoma a abordagem da nova economia institucional, com autores como Veblen, Coase e North e sua importância atual como paradigma explicativo para o desenvolvimento. Essa linha de pensamento explica que o segredo do desenvolvimento está na busca por maior eficiência nos mercados,

considerando os custos de transação e alocativos, sendo que essa eficiência depende fundamentalmente de regras, normas de atuação, convenções, contratos, formas de governança e instituições que definem as regras do jogo, ou seja, o horizonte de previsibilidade para o desenvolvimento.

No quarto capítulo, Bassan e Siedenberg trazem um título paradigmático e propositivo "desenvolver buscando a redução das desigualdades". Retomam o conceito geográfico e econômico de região e o exemplo, mesmo que de forma superficial, do Vale do Rio Pardo/RS para identificarem que o segredo do desenvolvimento regional passa pelo estímulo às potencialidades das regiões, conforme as políticas públicas reconheçam as diferenças, demandas e necessidades dessas localidades e municípios. Advém, com esses dois capítulos, outra encruzilhada intrínseca à análise do desenvolvimento regional: devemos pensar na eficiência dos mercados capitalistas ou na eficiência dos aparatos públicos do Estado para planejar, gerir e executar o desenvolvimento territorial? E na mescla desses dois elementos, não há o risco de um sucumbir em relação ao outro? E, prosseguindo nesse raciocínio e considerando a realidade brasileira, como pensar sobre as regiões que ainda não construíram instituições sólidas e não descobriram suas potencialidades? Serão sacrificadas pelos mercados eficientes ou salvas pelo Estado-providência em desmantelamento e economicamente ineficiente?

A segunda parte traz análises de Dieter Siedenberg, Valdir Dallabrida e, novamente, Dinizar Becker. Siedenberg esclarece em seu

contributo que as discussões sobre gestão e políticas de desenvolvimento no mundo emergem após a Segunda Guerra Mundial, conduzidas pelo Plano Marshall para os países capitalistas aliados dos Estados Unidos. Desse modo, para tratarmos de desenvolvimento, duas características devem ser respeitadas: a clareza e a precisão. Dessa ideia pode-se retirar outro segredo da análise sobre o desenvolvimento territorial: é ao mesmo tempo um estado e processo, ambos complexos. Dallabrida e Becker analisam uma série de construções teórico-metodológicas de geógrafos que trataram da questão da territorialização das atividades e processos econômicos e sociais, buscando esclarecer sobre as diferentes dinâmicas entre regiões. Assim, é possível explorar mais outro segredo sobre o desenvolvimento: desenvolver depende das diferentes formas de (des) territorialização dos agentes públicos e privados, considerando a seletividade do capital monopolista em se instalar nos lugares mais apropriados para a mais-valia global. Esse trecho nos traz para o caso brasileiro e nos coloca mais uma encruzilhada: as ideologias e teorias do desenvolvimento resolveram ou resolverão os problemas das desigualdades regionais? As teorias e perspectivas espaciais, sociais ou políticas para o desenvolvimento se baseiam e respeitam as realidades múltiplas e as especificidades territoriais ou são panaceias difíceis de implantar na prática do planejamento territorial?

A terceira e quarta partes lidam com os seguintes conceitos centrais: capital social, democracia, competitividade, aprendizagem e

responsabilidade social. Ramos e Mariño afirmam que a democracia pode estimular o desenvolvimento econômico desde que se tenha: consciência coletiva, organizações representativas e inclusão/mobilidade social. Dotto, Pohl, Gregori, Frey e Becker consideram que o capital social – o conjunto de valores e virtudes sociais que se expressam no espírito comunitário de cooperação, associativismo, reconhecimento mútuo, normas e regras de gestão partilhadas – é elemento fundamental na explicação do sucesso ou fracasso das experiências dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento no Rio Grande do Sul, a partir de 1990. Valentim segue na mesma linha de análise do conceito de capital social como fundamento do desenvolvimento econômico das regiões, posto que a capacidade de cooperação e o nível das relações sociais são determinantes para o acúmulo de capital social de cada região. Amaral de Moraes discute a questão do capital social ao abordar as teorias e práticas de desenvolvimento endógeno, sistemas locais de produção e participação popular. A terceira parte mostra que o segredo do desenvolvimento regional é a dotação de capital social, e sua encruzilhada seria: é possível construir capital social sem tradição histórica de cooperação e conciliação?

A quarta parte inicia-se com Oliveira e Wittman colocando a seguinte tese: é possível coexistir regionalização com globalização, sobretudo ao considerarmos que a competitividade das nações está fortemente relacionada às competências regionais. Daí a importância de se trabalhar com a competência gerencial e com sistemas integrados de gestão.

No texto seguinte, Wittman, Dotto e Boff analisam o desenvolvimento regional através da dicotomia entre liberdades individuais e parcerias coletivas, avaliando as mudanças na organização produtiva e a emergência das formas organizacionais em redes de negócios e *clusters* de empresas e seu meio territorial. Borba e Siedenberg trazem o enfoque das organizações e comunidades que aprendem na lógica do desenvolvimento regional, destacando a importância das lideranças, do conhecimento da cultura e da organização e, compartilhamento de visões que inspirem práticas coletivas.

Por fim, Irineu e Márcia Frey colocam a discussão da importância das práticas e ações de responsabilidade social empresarial nas estratégias de desenvolvimento regional, considerando a possibilidade de alocação de recursos privados em ações sociais e a análise de indicadores que classificam as práticas sociais das empresas, seu *ethos* social. Essa última parte do livro, apesar das diferentes perspectivas, nos expressa que o segredo do desenvolvimento regional reside nas estratégias organizacionais e nas redes de empresas e suas diferentes formas de se relacionar com o meio territorial, seja pelo prisma das competências de gestão, das ações sociais, da liderança social e política que exercem ou através de redes que estabelecem com outras instituições. Eis mais uma encruzilhada: é possível pensar em desenvolvimento regional na ótica da inclusão social e das potencialidades locais pela lógica de ação de empresas privadas, mesmo que dotadas de discurso moderno? As ações sociais e de gestão territorial das empresas substituem o Estado e suas políticas públicas? E para as

regiões e localidades que não têm grandes economias de aglomeração empresariais, quem ficará responsável por elas?

Na parte final, Gómez-Soto busca reunir a pluralidade de ideias sobre desenvolvimento regional, reforçando a linha argumentativa da relevância da política como mediação entre o econômico e o social, entre o global e o local, e do entendimento da região como um bloco histórico dotado de capital social.

É inegável considerar o valor da obra, apesar dos riscos e desafios nos quais ela se envolveu. Esse valor se expressa no interesse em analisar e entender o desenvolvimento das regiões, tema atualmente em voga em manuais de organização de empresas sendo tratado, na maior parte das vezes, de forma muito superficial, além de econômica e ideologicamente interessada. Outro valor foi o de reunir uma ampla gama de autores em perspectiva interdisciplinar para abordar um tema e constituir uma linha de pesquisa na contramão do movimento acadêmico de divisão e parcelamento de saberes e do individualismo na produção do conhecimento científico. Um terceiro valor foi usar desse cabedal para entender as realidades de pactos, redes e arranjos institucionais no Rio Grande do Sul, tendo um movimento de retroalimentação com estudos de caso locais e regionais que incorporam desafios às políticas de gestão do desenvolvimento. Outro valor foi o da audácia de reunir textos díspares e com referenciais teóricos convergentes e divergentes para compor um

mosaico amplo e sempre incompleto da discussão sobre o desenvolvimento em perspectiva espacial.

E, um último valor destacado, foi o de prestar uma belíssima homenagem ao Professor doutor Dinizar Becker, falecido no mesmo ano de lançamento da obra (2003), autor fundamental do projeto analisado e importante fonte de inspiração para o pensamento e a política de desenvolvimento regional no Brasil recente. Certamente, o sr. Becker dedicou sua vida aos segredos e encruzilhadas do desenvolvimento regional.